



Parque dos sons

“Eduardo e Mônica trocaram telefone, depois telefonaram e decidiram se encontrar. O Eduardo sugeriu uma lanchonete, mas a Mônica queria ver o filme do Godard. Se encontraram então no Parque da Cidade, a Mônica de moto e o Eduardo de camelo.” A música de Renato Russo imortalizou o maior parque urbano da América Latina e foi imortalizada na praça próxima ao pedalinho, que ganhou o nome de Eduardo e Mônica. Mas a canção do líder da Legião Urbana não é a única a dar o tom no parque. A sonoridade do local é marcada pelos mais de 40 mil visitantes diários — entre passantes e frequentadores — com diferentes pensamentos e sotaques. Os passos apressados e o deslizar de patins e skates

provocam um dos ruídos mais característicos do parque nas pistas de 4km, 6km ou 10km.

O som do balançar das folhas dos mais de 3,4 milhões de metros quadrados de árvores típicas do cerrado, distribuídas nos 4,2 milhões de metros quadrados de área do parque, tranquiliza e alivia o calor das épocas de seca do DF. As quase 350 aves, entre patos, gansos e cisnes que frequentam o lago grasnam em uma espécie de canção bucólica. Há ainda sabiás e araras, que colorem os céus do local.

A obra custou 350 milhões de cruzeiros, valor que hoje não daria para comprar uma bala. “O mesmo que a Ponte Costa e Silva”, disse, à época, o então governador Elmo Serejo Farias. Na inauguração, em 1978, o parque contava com pedalinhos e 10 ilhas, além de pistas de aerodelismo, kartódromo, quadras poliesportivas, 50 churrasqueiras e vestiários. O transporte interno era realizado por meio de três trenzinhos, com capacidade para 90 pessoas cada, para que o usuário do local não precisasse usar o carro nas vias do parque. Além disso, cobrava-se ingresso.

Hoje, o parque é gratuito, mas deixou de lado os trenzinhos para transporte dos visitantes. Com o passar do tempo, ele ganhou um centro de hipismo e tem o terceiro maior pavilhão de exposições do Brasil, o ExpoBrasília, com 55 mil m². As churrasqueiras conti-

“A cidade vai ficar mais humana com essa área de lazer. É o primeiro grande parque construído para toda a população do Distrito Federal”

Elmo Serejo,
ex-governador de Brasília, ao visitar as obras do Parque da Cidade em 10 de outubro de 1978.

nuam de pé e agora são 75, mas o pedalinho e o kartódromo precisam de reformas. A segurança fica por conta dos 60 vigilantes, 15 para cada turno, e da implacável joaninha que roda pelo local.

Três nomes

Até chegar ao atual nome de Dona Sarah Kubitschek, o parque teve duas denominações e uma tentativa de emplacar uma homenagem a um papa. Quando o Governo do Distrito Federal iniciou as obras, em 6 de novembro de 1974, como noticiou

o **Correio**, o nome do local era Parque de Recreação de Brasília. Na inauguração, o parque ganhou a alcunha oficial de Parque Recreativo Rogério Python Farias, em homenagem ao filho do ex-governador Elmo Serejo, que morreu em um acidente de carro. Dois anos depois, o deputado Henrique Eduardo Alves, na época do PP do Rio Grande do Norte, apresentou proposta para mudar o nome para João Paulo II, mas não vingou.

Em 1997, quando o local completou 19 anos, o ex-governador Cristovam Buarque sancionou a Lei nº 1.410, que dava o nome de Parque Dona Sarah Kubitschek. Um busto em bronze da ex-primeira-dama foi feito pelo artista goiano Tyrone em apenas oito dias.

As diversões das crianças fica garantida com o Parque Ana Lúcia, uma homenagem a Ana Lúcia Braga, 7 anos. A menina foi assassinada em 12 de setembro de 1973, após ser sequestrada na porta da escola Madre Carmen Salles na 604 Norte. O Parque passou por reformas em 1999, 2005 e 2009. Na mais recente, 31 brinquedos foram reformados e ganharam pintura nova. O foguetinho, brinquedo mais famoso do parque, só voltou a funcionar três meses depois, quando teve toda a escada trocada, 20 metros de rampas emborrachadas com antiderrapante e toda a ferrugem retirada. (AAJ)